

# O FOGO E OS PARQUES NACIONAIS DO CERRADO

ago 20, 2018 | Ecointrações



Durante as nossas expedições na região central do Brasil, percorremos parques deslumbrantes que preservam uma parte significativa do cerrado brasileiro, apresentando além de belezas, singularidades e uma enorme biodiversidade. São áreas de extrema importância para a conservação, mas que, no entanto, encontram-se ameaçadas.

O cerrado é um bioma moldado pelo fogo, forjado numa relação complexa entre diversos fatores, incluindo aí características climáticas e geomorfológicas, além de milhares de espécies de plantas e animais. A vida nele segue um ciclo contínuo, intercalando dois momentos bem distintos: um chuvoso e um seco. Durante o longo período seco que se inicia no mês de maio e tem seu auge em setembro, os dias apresentam um céu azul turquesa, o pôr-do-sol é avermelhado e as noites são coalhadas de estrelas. Nele, os rios ficam menos volumosos, os córregos menores secam e os campos limpos (uma das formações do cerrado) ganham uma tonalidade mais amarelada, acumulando uma grande quantidade de biomassa seca, principalmente de palhas.

Apesar de praticamente não chover, volta e meia surgem nuvens carregadas no horizonte. Algumas nuvens passam, outras se dissipam. Às vezes até garoa, mas o calor é tanto que a água não chega ao solo. No final de setembro e início de outubro, essas nuvens produzem muitos raios, que quando alcançam o mato seco, produzem as grandes queimadas naturais.

Um processo cíclico milenar e uma série de adaptações da biodiversidade. O fogo é parte do processo, mas cada espécie se adaptou a ele de uma forma diferente.



Algumas espécies vegetais são pirofíticas (adaptadas ao fogo), apresentando cascas espessas e troncos tortuosos. Durante as queimadas, esses troncos funcionam como isolantes térmicos, mantendo intactos os tecidos internos e vivos da planta. Outras dessas espécies até colaboram com as queimadas, pois produzem um óleo inflamável que contribuí ainda mais com o fogaréu no cerrado.

No auge da seca, basta uma faísca, um raio para que o cerrado entre em chamas. O fogo transforma o cerrado, as palhas dos extensos campos se tornam cinzas. O cerrado fica cinzento, aparentemente morto, mas é também esse mesmo fogo que quebra a dormência de inúmeras sementes, que sem ele jamais germinariam e nunca se tornariam novas plantas.

Com a chegada do período chuvoso, as sementes germinam em meio às cinzas, que agora são transformadas em rico alimento para as plantas que nasceram. Das árvores contorcidas e queimadas brotam inúmeras folhas verdes. A natureza precisa ser rápida nesse domínio para se manter com vida e logo as plantas estão se reproduzindo. O cerrado floresce e se torna um imenso campo florido.

Mas o fogo que sempre fez parte desse ciclo de vida se tornou um grave problema. O cerrado originalmente cobria um extenso território do Brasil, uma área com mais de 2 milhões de quilômetros. As áreas eventualmente dizimadas eram naturalmente repovoadas pelas populações adjacentes e a fauna tinha pra onde fugir. Hoje, esse bioma se encontra drasticamente alterado e reduzido, fragmentado e cercado, transformado em verdadeiras ilhas de habitat. Ilhas tão pequenas que mal comportam toda a sua diversidade de vida, ilhas que não tem às vezes como se comunicar umas com outras e começam a perder riqueza. Espécies vão sendo extintas de início localmente, as populações são reduzidas paulatinamente. Espécies endêmicas desaparecem, muitas antes até de serem descritas.





Como o incêndio natural precisa de bastante matéria orgânica, normalmente uma mesma área só é queimada de tempos em tempos, quase nunca anualmente. Isso propicia que as espécies arbustivas e arbóreas consigam se desenvolver. Essas espécies competem com as gramíneas, diminuindo com isso a quantidade de palha seca no ambiente. Menos palha seca, menos incêndios.

Mas, para complicar a situação, o ser humano além de alterar profundamente o ambiente criando essas ilhas de habitat, provoca ainda mais incêndios. Para limpar terrenos para a agricultura e criar pastos, ele atea fogo artificialmente e faz isso repetidamente. Logo, as espécies arbustivas e arbóreas vão cedendo cada vez mais espaço às gramíneas e os incêndios vão se tornando maiores, mais poderosos e mais frequentes. À fauna já ostensivamente caçada, resta morrer queimada, faminta e atropelada. A biodiversidade vai entrando em colapso.

Restam aos parques e outras unidades de conservação a missão quase impossível de manter um pouco dessa biodiversidade. Mas as áreas de proteção integral ocupam menos de 3% da área do bioma, as de uso sustentável somam mais 5%. Muitas dessas áreas estão completamente isoladas. Para garantir a perpetuação de milhares de espécies da fauna e da flora brasileira é preciso ampliar essas áreas, melhorar o seu manejo e criar corredores entre elas. É preciso também modificar a cultura do setor agrário e abolir ou diminuir ao máximo práticas ambientalmente prejudiciais. Do contrário, esse imenso patrimônio natural brasileiro vai virar cinza e sumir do mapa.

**Por Luciana Alvarenga**

